

VOX VERITATIS

---

ANCHIETA

**O Carrasco de Bolés**

A

LUZ DA HISTORIA PATRIA

---

Compilação Historica

---



SÃO PAULO

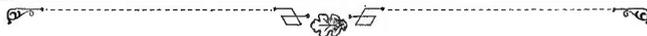
---

1896



VOX VERITATIS

---



ANCHIETA

O Carrasco de Bolés

A'

LUZ DA HISTORIA PATRIA

Compilação Historica



SÃO PAULO

1896

## Obras do mesmo Auctor

SERIE : Anti-Jesuita :

*José de Anchieta á Luz da Historia Patria*

*O Character de Anchieta á Luz da Historia Patria*

Breve sahirá a luz

*A Conferencia do dr Eduardo Prado á Luz da Historia Patria.*

*A Estatua de Anchieta e a Ridicula encenação sebastianista.*

Obras compulsadas

*A Vida de José de Anchieta* — por Charles Sainte Foy  
Edicção Braz. 1878.

*Apontamentos para a Historia dos Jesuitas*, pelo dr. Henrique Leal — 1874.

*A Historia dos Jesuitas*, pelo dr. Mello Moraes.

*Historia da Litteratura Brasileira*, pelo dr. Silvio Romero.

*Chronica da Companhia de Jesus*, pelo P.<sup>o</sup> Simão de Vasconcellos.

*Ensaios Historicos*, pelo Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro.

*Historia do Brazil*, por Roberto Southey, annotada pelo Conego Pinheiro.

*Historia do Brazil*, por Constancio.

” ” ” ” Visconde de Porto Seguro.

” ” ” ” Americo Braziliense.

” ” ” ” General Abreu Lima.

” ” ” ” Joaquim Manoel de Macedo.

*Quadro Hist. da Provincia de S. Paulo*, pelo Marechal J. J. Machado de Oliveira.

*Roma Perante o Seculo*, por Carl von Koseritz.

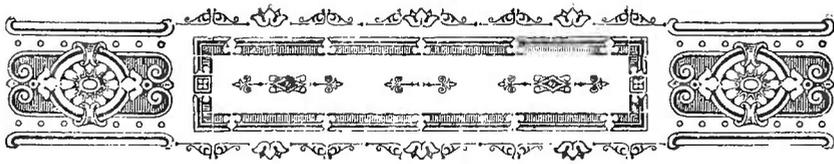
*Padre Belchior de Pontes*, por Julio Ribeiro.

HOMENAGEM  
Á  
**IMPrensa REPUBLICANA**  
DO  
ESTADO DE S. PAULO  
PARTICULARMENTE  
AO  
“O DIARIO DE CAMPINAS,,  
O PRIMEIRO JORNAL  
A PROTESTAR CONTRA O PROJECTO DE LEVANTAR O ESTADO  
UMA ESTATUA AO JESUITA  
**JOSÉ DE ANCHIETA**

---

CONSACRA — O AUCTOR





## © Carrasco de Bolés

Neste trabalho que apresento ao publico paulista, tão cioso de suas glórias, que galhardamente se ostentam nas paginas as mais gloriosas da Historia Patria, desejo, até onde me for possível, salientar o caracter de Anchieta como missionario jesuita.

No pamphleto já publicado, e tão benevolamente acolhido pela imprensa livre e republicana, pela imprensa que não se suborna a um cego interesse partidario absurdo e até immoral, que sabe dar valor e prestigio aos depoimentos da historia sejam contra quem quer que for — demonstrei que Anchieta não era merecedor de uma estatua, levantada pelo Estado, 1.º porque não fora o fundador nem de S. Paulo, nem do collegio ahi inaugurado a 25 de janeiro de 1554; 2.º porque não promoveu absolutamente nada, em S. Paulo, por sua iniciativa, a beneficio dos paulistas; 3.º porque a pacificação dos Tamoyos que tentou realizar, não só não foi por iniciativa de Anchieta, como também não se realizou; 4.º porque considerado pelo lado scientifico, é uma personalidade mais que mediocre — não foi homem illustrado; 5.º porque os seus trabalhos litterarios não têm valor real, nem mesmo fins litterarios teve em vista o seu auctor; 6.º porque o valor da catechese por elle realizada e por seus collegas, além de excessivamente material, não foi com a brandura propria de um ministro de Christo; 7.º porque as artes mechanicas que ensinou, nem merecem o nome de — arte; 8.º porque foi um missionario intolerante e fanatico, a ponto de servir de carrasco para um herege, que elle mesmo conver-

teu e baptizou — tornando-se, pois, carrasco de seu proprio filho na fé — tornando-se um parricida moral !

Este ultimo facto bastaria para patentear que o character de Anchieta nunca foi o de ministro de Jesus que disse : *amai aos vossos inimigos!* Mas não se deve encarar o character de Anchieta só pelo lado religioso, que lhe seria completamente fatal : basta ser Anchieta um jesuita que obedece cegamente, que annulla a sua individualidade, tornando-se passivo, moralmente morto, nas mãos do seu superior, como um cadaver nas mãos do anathomista. Quem assim procede não tem character. A grandeza do character está na concepção convicta de sua liberdade e, portanto, de sua responsabilidade.

Aqui não considero Anchieta como um ser passivo — como um jesuita : considero como um homem. Aqui não faço especulações philosophicas para patentear os predicados do seu character individual — mas, *a posteriori*, a luz dos factos registrados na Historia Patria, procuro tornar evidente o character desse jesuita que querem immortalizar, já que não pode immortalizar-se pelas suas obras ! Aqui não se argumenta, não se discute pró ou contra José de Anchieta — aqui se invoca a verdade dos factos, o testemunho insuspeito dos depoimentos da Historia ! Aqui não se inventa, não se phantasia, aqui appella-se para os factos — porque contra factos não ha argumentos !

O auctor destas linhas não é jesuita, não é carola, não é fanatico, não é intolerante, mas tem consciencia de tractar desta momentosa questão com o maior escrupulo, affastando-se systematicamente, do terreno apaixonado, da linguagem inconveniente, que ás vezes os proprios factos como que forçam o escriptor a ter.

Este trabalho não visa lucros pecuniarios — é feito exclusivamente pelo amor á verdade. Republicano, (1) não poderia, sem um eterno remorso, calar-se o auctor destas linhas, ante o desprestigio da Republica, onde scintilla esta

---

(1) Ha innumerous brasileiros distinctissimos e monarchistas que, respeitando as cinzas de Pedro II e reconhecendo os fins p rversos da Companhia — lhe votam a mais odiosa antipathia, e, neste ponto de vista, affastam-se da propaganda jesuitica da monarchia do sr. Eduardo Prado !

trilogia sacrosancta — Liberdade, Igualdade e Fraternidade ; em cujo glorioso pavilhão, já baptizado no sangue de brasileiros, e, especialmente, no sangue dos paulistas — acha-se este lemma, synthese maravilhosa da grandiosa actividade de um povo — Ordem e Progresso.— Sim, a estatua de um jesuita, é o prestigio de uma Companhia, que em face dos depoimentos da Historia, exclusivamente trabalha a bem dos seus particulares interesses — de sua ordem e progresso — a custa da desordem e do regresso das nações em que ella convive ! O jesuita quer a liberdade só para a sua « Companhia » — é intolerante por systema ! Para elle a igualdade é um absurdo : a forma de governo dos jesuitas, com seus principios, é diametralmente opposta á igualdade perante a lei ! A theocracia a mais absurda — eis o governo jesuitico. Assim sendo, claro está, a fraternidade para o jesuita é uma palavra vã e sem sentido ! Para o jesuita não existe fraternidade, mas escravidão. Intolerancia, Desigualdade e Passividade, eis a trilogia do jesuita !

Paulista, não poderia o auctor, sem trahir o seu Estado, deixar de levantar o seu protesto contra essa vingança feita ao dr. Prudente de Moraes. Sim, os duzentos contos, filhos do vicio, cujo fim era levantar uma cathedral, desnecessaria, porque em S. Paulo ha tantas egrejas que se acham constantemente feichadas para regalo das corujas e dos morcegos, applicou o benemerito Paulista para o grandioso templo da luz — a Eschola Normal — que tanto beneficio ha prestado ao Estado ! Agora porem os jesuitas os rehavendo, applicam, por intermedio de seus amigos, n'uma estatua junto ao palacio do governo, como que significando — que a « Companhia de Jesus » governa o governo, ou conjunctamente com o governo ! Uma vingança e ao mesmo tempo o maior triumpho jesuitico alcançado no Brazil ! Para a obra ser completa, deveriam os « Cainç da Republica » exigirem a exhumação dos ossos de Saldanha Marinho, para serem queimados no dia da inauguração dessa estatua, e deveriam ser carregados em andores bellamente adornados os bustos de Fr. Vidal e D. Macedo Costa !

Paulistano, o auctor não poderia consentir que se adulterassem os factos realizados no seu berço natal, afim de se fazer o apanagio de um homem cuja « Companhia - foi a causa de profundas discordias entre paulistas e emboabas ; a

causa de muito sangue derramado ; do odio contra a colonia portugueza, ainda manifestado hoje pelo jacobinismo : a divisão dos proprios paulistas que, a 13 de julho de 1640, possuidos de justa indignação a expulsou do seu meio !

Como brasileiro republicano, paulista e paulistano lanço mão da « Historia » de minha querida patria para, á sua luz, patentear o character de Anchieta.

## A ingratição !

A 22 de janeiro de 1532, junto á costa oriental da ilha *Indua-guassú* — hoje S. Vicente — ancorou Martim Affonso a sua armada que havia zarpado de Lisboa a 3 de dezembro de 1530.

Assombrados os índios pescadores com a perspectiva das náos e temerosos da sua aproximação á costa, retrahiam-se a seus alojamentos, pondo de sobre aviso a Cayubi que cauteloso foi logo dar fé desse acontecimento.

Explorado o littoral destas ilhas, e escolhido o da barra da Bertioga como o mais adequado para o desembarque de Martim Affonso e seu sequito, e depois de alijada a gente em terra com promptidão, edificou-se na ilha de Sancto Amaro em proximidades da barra, uma casa forte tanto para proteger esse desembarque, como para alojar a gente que fosse posta em terra, e defendel-a assim dos accommetimentos das tribus selvagens, cuja existencia era alli revelada pelos indigenas que foram vistos á aproximação da armada.

\* Concluida a obra e depois de se lhe assestar a artilharia que podia comportar, foi guarnecida de força armada, tomando-se a necessaria attitudo em prevenção a qualquer eventualidade. E porque toda essa lida fosse ás occultas espreitada pelos indigenas do littoral, chegou isso ao conhecimento de Tebyreçá nos campos de Piratininga, que sem demora fez reunir toda a gente de guerra que lhe era sujeita, dispondo a partir para a marinha com o fim de repellir o ingresso dos invasores.

◁ A boa estrella de Martim Affonso neste ensejo consistiu em ser a residencia de João Ramalho ao pé da de Tebyreçá, por se achar ligado com uma filha do régulo teúda por sua mulher, tendo-o em mór estima e ouvindo os seus conselhos.

« Ramalho que, parece, fora lançado por desterro nalguma das terras da costa, ou por Gonçalo Coelho quando em 1501 navegou o Atlantico-meridional, em descobrimento das terras colateraes do littoral que fora reconhecido por Cabral, ou, quando não, por Christovam Jacques, a quem em 1526 se commettera o encargo de policiar esses mares da pirataria européa e que aportára em diversos pontos do littoral ; não podendo-se tomar senão como alienação mental a declaração em seu testamento feito em 1580, segundo refere o chronista da capitania de S. Vicente (Fr. Gaspar da Madre de Deus na « Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil » a pag. 425 Tom. 2.º da Revista do Inst. Hist. e Geo. do Brazil) de residir no Brazil havia noventa annos » porque seria mister que a sua chegada ahi precedesse ao descobrimento do Novo Mundo por Colombo em 1492.

« João Ramalho, como digo, comprehendendo da noticia dada — de haver chegado á costa de *Guarapissumã* embarcações de alto bordo das quaes se alijara gente na praia da Bertioaga, que logo si dera a construir uma casa forte em que pudesse estar segura, — que essa armada outra não podia ser senão portugueza, por já não serem desconhecidas ao seu paiz as regiões daquella parte do hemispherio austral, e havel-os explorado por mais de uma vez ; conseguiu despreoccupar a Tebyreçá da primeira impressão que lhe causára aquella noticia, e apazigual-o nas apreensões hostis que ella lhe suscitou contra os intrusos, para effeito do que já se preparava, dando-lhes pelo contrario bom acolhimento, e o adjectorio de que dependessem para qualquer fim que por ventura intentassem.

« O emissario da paz, transferindo-se logo para o littoral á frente de trezentos sagitarios de Piratininga, fora pontual em fazer conhecer a Cayubi a disposição pacifica do régulo de Piratininga a respeito da gente que da armada de Martim Affonso se fizera desembarcar em Bertioaga ; e Cayubi, que á chegada da armada retirára-se da costa com a sua tribu, e a quem Itanhaem viera em seu auxilio, pondo-se ao abrigo das montanhas da ilha Guaymbê, hesitando a principio, foi por fim obediente ao mandato transmittido de Tebyreça, e, re-tendo-se naquelle lugar, entregára a Ramalho a gente pedida para reforço da que trouxera de Piratininga, no intuito de, em caso de reluctancia poder sustentar o que fora pactuado

com Tebyreçá ; tendo por companheiro nessa empreza Antonio Rodrigues que, como já dito fica, aliára-se á filha de *Piqueroby*, chefe da tribu Ururay, depois de conseguir deste, a imitação do régulo de Piratininga, sua annuencia a favor do desembarque de Martim Affonso.

« Ramalho approxima-se á *Ferybatuba* trez dias depois da chegada de Martim Affonso á Bertioga, e quasi ao ponto em que Cayubi, coadjuvado pelos Tupys e Itanhaens, ia investir o forte que alli se fizera de improviso ; detem a este cacique em seu rompimento, annunciando-lhe que era essa a vontade do régulo, e caminha affouto e abertamente para o forte á frente dos trezentos sagitarios de Piratininga, e das tribus que a esse tempo estavam reunidas na ilha do Guaymbê.

A vista do que os desembarcados aprestaram-se a affrontar o evento que parecia indicar a approximação da gente de terra, collocando-se Martim Affonso a sua frente, e preparando-se Pedro Lopes á jogar artilharia da armada.

Tomando as cousas esta attitude Ramalho fez parar o gentio de seu sequito em sitio que estivesse fóra do alcance dos tiros do forte, e só e empenhando unicamente um signal indicativo de paz ; adiantou-se para o forte, e á distancia que pudesse ser ouvido bradou aos portuguezes em seu idioma, declarando-lhes que os indios vinham em guiza de paz, e só dispostos a recebê-los favoravelmente.

Imagine-se a alegria dos invasores ao ouvirem em tão remotas paragens, e por uma voz portugueza o patrio idioma expressando consoladoras palavras de paz e bom acolhimento da parte dos senhores da terra quando esperavam as de guerra e exterminio, bem temerosos como estavam da sorte que tiveram os companheiros de Diogo Alvares, o Caramurú, em seu naufragio, que souberam na Bahia de Todos os Sanctos !

Ouviu-se a Ramalho, e acretidando-se em suas palavras ; baixaram-se as armas, quer de um quer de outro lado ; houve trégoa e concordia entre os que, pouco antes, se podiam considerar como temiveis contendores ; e a artilharia da armada, que em tom de guerra estava prestes a desfechar tiros contra os indios de S. Vicente, soou de alegria, salvando ao destravamento de uma lucta com os indios, que se

afigurava inevitável.» Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira — *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo* p. 21-24.

Fundada a villa de S. Vicente — antiga Induaguassu — foram distribuidas terras para os colonos. Na distribuição das terras tiveram preferencia Antonio Rodrigues e João Ramalho. A Antonio Rodrigues concedeu-se em S. Vicente as terras situadas a duas leguas da barra de Sancto Amaro e fronteiras a Tumiarú.

João Ramalho faz bellissima descripção dos campos de Piratininga a Martim Affonso, conseguindo leval-o até á sua residencia na Borda do Campo, onde hoje serve de assento a freguezia de S. Bernardo.

A Ramalho, pela sua alliança com Bartira filha de Tebyreça, fora dado como em apanagio uma parte do extenso senhorio territorial do régulo nos campos de Piratininga e as mattas da serra Paranapiacaba.

Ahi vivia o velho portuguez, com sua familia, do trabalho dos indios, que cuidavam em bem servil-o, menos pela condicção de escravos seus, do que pela brandura com que os tratava, e essa posse foi confirmada por Martim Affonso quando alli se achou, dando-lhe préviamente o governo da povoação que alli se fundasse; euja edificação começou em 1553, com a invocação de Sancto André, á que o governador geral do Brazil Thomé de Souza deu o predicamento de villa, estabelecendo-se nesse lugar uma feitoria para resgatar com os indios, devido aos trabalhos em commum de Ramalho e Antonio Rodrigues. »

Reconhecendo Martim Affonso a tendencia dos colonos em escravizar os indios e os abuzos que podiam advir —

foi o seu primeiro acto apóz a sua retirada do campo que *nem a negociar com os indios podessem ir alli os brancos sem a sua licença, ou dos capitães-móres seus locos tenentes, a qual se daria com muita circumspecção, e unicamente a sujeitos bem morigerados (Memorias para a Hist. da Capit. de S. Vicente p. 70.)* »

Desta regra, porém, fôra exceptuado Ramalho, que alem de residir entre os indios, POR AMOR A ESTES, SAHIRIA LOGO DE TRAVÉZ A QUALQUER ABUSO QUE HOUVESSE NA CONCURRENCIA DAS DUAS RAÇAS *Quadro Hist. da Prov. S. Paulo* p. 28-29. Assim, pois, com generosidade foi Martim Affonso agradecido a João Ramalho.

Em 1553, Thomé de Souza, depois de vizitar S. Vicente, veio até Sancto André da Borda do Campo, povoação mandada crear por Martim Affonso em terras de João Ramalho, constituídas ao depois como apanagio do Convento do Carmo.

A povoação foi elevada á villa como nome que tinha, em 8 de abril desse mesmo anno, sendo conferido a Ramalho o titulo de « alcaide-mór, em substituição ao de guarda-mór » do campo.

Thomé de Souza conferindo este posto, ordenou a Ramalho que fizesse centralizar no povoado os colonos que de S. Vicente haviam transposto a serra e se localizado em diversos pontos do campo ; os quaes junto a numeroso gentio ao serviço de Ramalho, em breve engrandeceram a povoação de Sancto André com augmento de população, para segurança do qual, e a fim de impedir os acõmetimentos das hordas indigenas, acoitadas nas mattas da serra, de inimigos dos Guayanos que formavam o sequito de Ramalho, foi a villa circumvalada com contra forte de madeira.

Acompanhou a Thomé de Souza o jesuita Manoel da Nobrega.

Cumprê observar ao leitor que os indios Tupiniquins e Carijós, de S. Vicente ; e os Guaynas, de Piratininga eram de indole a mais pacifica que podia desejar-se.

Em 1554, principio do mez de janeiro, por DEFERENCIA A JOÃO RAMALHO, enviou Manoel da Nobrega 13 collegiaes de S. Vicente em companhia do coadjutor professo José de Anchieta, sob a direcção do P.<sup>o</sup> Paiva, para estabelecerem um collegio nos campos de Piratininga.

Qual, porém, não foi a decepção de João Ramalho quando, esperando que esses jesuitas viessem fundar o collegio em sua pitoresca villa de Sancto André, soube que elles tinham escolhido, a pouca distancia, outro local ; tratavam de edificar em suas terras uma outra povoação ; promoviam a discordia em sua respeitavel familia ; desprestigiavam a sua auctoridade como « alcaide-mór », titulo conferido por Thomé de Souza ; e, alem de tudo isso, já o intrigavam com os seus indios amigos — e declararam-se em guerra contra elle, cognominando-o de oppressor dos brazileiros ? !

A razão de tão ATROZ E INFAME INGRATIDÃO, naturalmente o leitor já terá percebido : João Ramalho era estimado dos indios, honrado com a estima e consideração de Tebyreça e

Cayubi, e, mais, ouvido e considerado pelos governadores : era o verdadeiro soberano nos campos de Piratininga ! Ora, isso é que absolutamente não convinha aos interesses dos jesuitas, e, especialmente do *Sancto* Anchieta. Só a companhia devia ser soberana, não só nos Campos de Piratininga, mas em todo o mundo !

Immediatamente, depois, da chegada dos *sanctos* jesuitas as intrigas principiaram a ser fomentadas !

O primeiro triumpho que obtiveram foi alliciar o grande e destimido Tebyreçá, o sogro de João Ramalho ! Imagine-se o soffrimento de João Ramalho desprestigiado pelo seu amigo e sogro Tebyreçá. Alem desse venerando e valente paulista, passou-se para os jesuitas, o destemido Cayubi ! Lavrava, pois, a discordia na familia de Ramalho — Bartira a filha do valente de Piratininga — Tebyreçá — chorava inconsolavel, vendo que aquelles que se diziam embaixadores do evangelho da paz, ministro do manso e divino Jesus, semeavam a discordia ; inflamavam os pacificos Guyanazes com a intriga e alem de tudo isso procuravam o exterminio dos seus irmãos, fomentando a guerra entre paulistas e emboabas !

Não satisfeitos com os clamores consequentes da guerra, os jesuitas procuravam intrigar o magnanimo Ramalho com o governador, porque, como assevera Fr. Gaspar da Madre de Deus : « os incrementos de qualquer das villas, de Sancto André ou de S. Paulo, atrazavam os progressos da sua competidora, nem os jesuitas podiam tolerar a subsistencia de Sancto André, nem os Ramalhos soffrer a de S. Paulo ». O governador Duarte da Costa, porém, não os attendeu, e o bispo, da Bahia, indignado, dirigiu-se para Portugal, afim de fazer sentir a El-rei a falta de apoio do governador, quando em caminho naufragou.

Os jesuitas continuaram as suas intrigas, nos campos de Piratininga, onde campeava a paz desde a chegada, pelo menos, de Martim Affonso, agora campeava a desolação consequente de odios entre os proprios indios, entre colonos e jesuitas, como, tambem, entre paulistas e emboabas.

« Tomou esta contenda um tom energico, e porventura teve ella o seu desfecho em 1560, no tempo do governador Mem de Sá, o terceiro investido com a administração geral do Brazil ; o que por certo deveu-se ás assiduas e vehementes INSTANCIAS DOS PADRES DE PIRATININGA, IMPOSTAS AO

GOVERNADOR PELA CONDUCTA DE MANOEL DA NOBREGA » Quadro Hist. p. 54 Southey — Hist. Braz. Vol. I p.

« O provincial da companhia, que soube insinuar-se na amizade do novo governador, e, a titulo de seu director espiritual, tinha ingerencia na gestão dos negocios temporaes embora *profanos* fossem, e em imitação do que ia pela metropole, SERVIU DE VEHICULO AOS REITERADOS PEDIDOS DOS JESUITAS DO CAMPO PARA CONSEGUIR DO GOVERNADOR A TRANSFERENCIA DA VILLA DE S. ANDRÉ QUE MEDRAVA A OLHOS VISTOS, e, na mente dos seus adversarios, era isso elemento da sua destruição, instaurando-a junto ao collegio da sua missão, situado nas abas da povoação, habitada exclusivamente pela raça indigena, e por alguns descontentes evadidos do feudo de João Ramalho.

Allegaram os jesuitas que uma das razões para destruição da villa de Sancto André, ERA O NÃO HAVER PADRES NA QUELLA VILLA !. E por haver gente embrutecida !. E para que vieram elles para o Brazil ?.

« Em summa, e por força DESSE LIDAR OSTENSIVO, MENOS ESFORÇADO QUE CLANDESTINO, FOI EM 1560, E POR MANDADO DO GOVERNADOR GERAL, QUE A ESSE TEMPO ACHAVA-SE EM S. VICENTE, EXTINGTA ! E O QUE É MAIS ODIOSO ! DEMOLIDA A VILLA DE SANCTO ANDRÉ, A PRIMOGENITA DE MARTIM AFFONSO NOS CAMPOS DE PIRATININGA COM A QUAL O DONATARIO DA CAPITANIA REMUNEROU A JOÃO RAMALHO OS IMPORTANTISSIMOS SERVIÇOS PRESTADOS POR ESTE NO SEU DESEMBARQUE EM BERTIOGA ; TRANSFERINDO-SE O SEU FORAL DE VILLA PARA A POVOAÇÃO JUNTO AO COLLEGIO DOS JESUITAS, QUE TOMOU O NOME DE VILLA DE S. PAULO DE PIRATININGA. *Quadr Historico da Prov. de S. Paulo* p. 54-56 ; *Southey Hist, do Brazil* Vol. I p. 395.

Assim, pois, João Ramalho, foi espoliado de suas terras doadas primeiramente por Tebyreçá e legalizadas por Martim Affonso ; foi desautorado como a primeira auctoridade ; foi revogando, pode-se dizer, o acto de Thomé de Souza, nomeando-o « alcaide-mór, » confirmando o estabelecimento da Villa de Sancto André, assim tambem o acto de Duarte da Costa, não accedendo aos iniquos desejos dos jesuitas ; o franco acolhimento dos portuguezes e dos proprios jesuitas em S. Vicente e em Piratininga por João Ramalho e pelos chefes Tebyreçá e Cayubi, o grande serviço de Ramalho,

tornando sympathico aos selvagens os portuguezes e jesuitas. — tudo ! TEVE COMO SANCTA RECOMPENSA A DESTRUIÇÃO DA VILLA DE SANCTO ANDRÉ, O DESPRESTIGIO O MAIS VIL E INFAME DESSE GLORIOSO PORTUGUEZ que na historia de S. Paulo, a despeito das calumnias dos jesuitas ha de ser sempre glorioso ! Que tremenda ingratidão !

Agora, o leitor não deve admirar-se do resultado fatal dessa infame ingratidão de que foram principaes protogonistas Nobrega e Anchieta.

Esperavam os jesuitas que na villa de S. Paulo depois de destruida a villa de Sancto André e de Piratininga, tudo iria ás mil maravilhas. Entretanto aquillo que elles reprovaram em Sancto André : a barbaridade dos colonos para com os indigenas, isso principiou a consummar-se sob os seus olhos ! os indigenas evadiam-se aos descommunes trabalhos que lhes impunham os habitantes da villa de S. Paulo ! Em breve, na circumvisinhança de S. Paulo — Ururay — irmão de Tebyreçá, levou os transfugas de Piratininga para o sitio, onde depois se fundou a aldea de S. Miguel de Ururay, e pôz-se á frente de numerosas forças de selvagens confederados que promptamente vieram em seu auxilio ! Tal era a sympathia que os jesuitas inspiravam !.

Os padres sabendo de tal intento prepararam-se confiando a defeza de S. Paulo ao valente e glorioso paulista Tebyreçá, infelizmente instrumento dos jesuitas !

A 10 de julho de 1562, Ururay e Jagoanháro, a frente de suas forças, atacáram, as forças de seu irmão e tio Tebyreçá ! E se não fôra a trahição de um indio, decerto seria completamente destruida a povoação de S. Paulo, nessa guerra fratricida promovida exclusivamente pelos jesuitas ! Anchieta tomou parte nesse celebre combate. E sob os seus olhos, expiravam muitos dos seus catechumenos innocentes, victimas de suas vis intrigas !. Mas a consciencia do jesuita é morta como a sua obdiencia — *perinde ac cadaver* !...

Depois de dois dias de cerco, esmorecido o animo dos assaltantes, puzeram-se em fuga, devastando inteiramente o territorio dos colonos.

Assim epilougou-se a tremenda ingratidão, para com o venerando vulto de João Ramalho ! Sobre a infame ingratidão, regaram rios de sangue vertido em uma lucta titanica,

entre irmãos, que, antes do estabelecimento dos jesuitas, viviam na mais doce e venturoza paz !

O derramamento de sangue continuou : uma parte dos confederados, era composta de tamoyos : estes continuaram os seus tremendos assaltos, não só contra S. Paulo mas contra as povoações do littoral. Estas continuas luctas quasi que absorviam os habitantes das villas de S. Vicente, S. Paulo, Sancto Amaro e outras, em cuidarem de sua defeza, em prejuizo de sua prosperidade. Assim, pois, grande responsabilidade, nesse estacionamento, nestas luctas constantes, ainda se liga a tremenda injustiça e atroz ingratidão dos jesuitas para com João Ramalho e sua numerosa familia.

E qual o maior responsavel, sinão Anchieta amigo e protegido de Nobrega ? Sim, Anchieta, porque foi elle quem mais do que qualquer outro entretinha mais relações entre os selvagens, ao mesmo tempo que mais estreitas relações com os homens do governo. Não é portanto, uma injustiça imputar-se a Anchieta a maior somma de responsabilidade na ingratidão iniqua com que Mem de Sá coroou a grandiosa obra de João Ramalho ; assim como, não é injustiça culpá-lo pelo derramamento de sangue e todas as luctas consequentes dessa infame ingratidão !

O seu character em face da historia de S. Paulo é o de um promotor de discordias ; fomentador da mais vil das guerras — a guerra civil, e o do mais cynico ingrato — judas, que, beijando o mestre, entregava-o para ser crucificado !



## II

### Intolerancia e Perversidade

Referindo-se o Conego Joaquim Fernandes Pinheiro á expulsão dos francezes do Rio de Janeiro salienta que o que elle julgou « decidir a côrte a tomar uma resolução energica a tal respeito foram AS SOLICITAÇÕES DOS JESUITAS, que de tudo tinham sido informados e que pela sagacissima politica, sabiam que um corpo de dez mil francezes, flamengos, e aventureiros de outras nações, estava prestes a partir para a França Antarctica, em socorro de Villegaignon, á quem tambem se attribuia o projecto de ir a Europa equipar uma esquadra, com que, depois de ter feito grandes danos ao commercio portuguez, aprisionando os galeões que voltavam da India carregados de immensas riquezas, accommetterias as principaes povoações do littoral brazilico, submettendo-as com facilidade, attento o estado de fraqueza em que se achavam. O temor de ver cortado o commercio do Oriente e perdidas as praças mais importantes que possuia na recente colonia, alem do sentimento que lhe causaria a PROPAGAÇÃO DO PROTESTANTISMO, que seria inevitavel com o triumpho de Villegaignon, que então era geralmente considerado como sectario da Reforma, influiram poderosamente no animo politico e catholico do rei D. João III, que deu terminantes ordens para a expulsão dos francezes do seus dominios ultramarinos.»

No desempenho de tão ardua missão foi Mem de Sá « poderosamente auxiliado pelo bispo D. Pedro Leitão e pelos jesuitas. » E apesar de ter obtido reforços em Ilheos, Porto Seguro e Espirito Sancto, chegando ao Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1560, reconheceu que lhe seria impossivel expugnar o forte de Coligny sem novos socorros. Para esse fim expediu á S. Vicente o PROVINCIAL DOS JESUI-

TAS, MANOEL DA NOBREGA, QUE ERA O SEU CONSELHEIRO E DIRECTOR ESPIRITUAL !

NOBREGA, AUXILIADO PODEROSAMENTE POR JOSÉ DE ANCHIETA, poudo conseguir em poucos dias, uma expedição composta de um bergantin artilhado, e de muitas canoas tripuladas por soldados, voluntarios, mamelucos e indigenas, (recrutados necessariamente!) conhecedores da costa, guiados por dois religiosos da Companhia : os PADRES FERNANDO LUIZ E GASPAR LOURENÇO. » *Ensaios Historicos* Vol. I p. 205.

Por essa ocasião não se achava no forte de Coligny, o general Villegaignon, ainda assim, os francezes e tamoyos resistiram com admiravel valentia. A resistencia dos da praça arrancou a admiração do grande general que assim se exprime em sua participação official : *porque supposto que vy muito e ly menos a my parece que se não viu outra fartaleza tão forte no mundo*. tentando um derradeiro esforço, porque sua coragem já começava a fraquear, cançados da demasia do trabalho e de combate vigoroso, diz P<sup>e</sup> Simão de Vasconcellos na *Vida de Anchieta* — que eram já mortos muitos e bons soldados e estavam feridos muitos mais, — escalaram os portuguezes as muralhas pelo lado do arsenal e apoderaram-se a viva força do monte das palmeiras que era considerado como a sua cidadella, donde, fazendo mortifero fogo, obrigaram os inimigos a evacuarem a ilha, procurando salvar as vidas nas canoas nas quaes passaram ao continente p. 207.

Tomado o forte, foram feitas grandes festividades « PRINCIPALMENTE POR NOBREGA E ANCHIETA QUE TINHAM CONTRIBUIDO PARA O BOM RESULTADO DA ARRISCADA EMPREZA » p. 209.

Os tamoyos aliados e immensamente sympathicos aos francezes, que com elles commerciavam desde 1508, conservavam uma terrivel animadversão contra os portuguezes que queriam escravisal-os. Alem dessa animadversão, mais ficaram odiando por terem sido derrotados juntamente com os francezes por Mem de Sá. Sabendo da revolta dos Ramalhos, contra os habitantes de S. Paulo, cõfederaram-se e tomaram parte no celebre assalto a S. Paulo, em que foram repellidos por Tebyreçá. Ainda assim, não cessavam de assaltar constantemente ás povoações, tanto de S. Paulo como do littoral.

Paralizado o progresso dessas povoações, por causa das

luctas constantes, resolveram ir Nobrega e Anchieta, em maio de 1563 para as paragens occupadas pelos destemidos tamoyos, afim de conseguirem a pacificação, realizando-se a conferencia em *Iperohy*, presidida por *Pindobuçú*, concorrendo os principaes chefes da confederação tamoya.

Acceita as condicções imposta por Aimbú, um dos chefes tamoyos, depois de Anchieta, que ficou como refem, perdurar entre elles por trez mezes, tempo que levou a vir a resposta favoravel ao tractado de paz, foi esta realizada.

Chegando a Portugal a noticia da pacificação com os tamoyos, o governo da metropole julgou conveniente que o governador no Brazil se firmasse no Rio de Janeiro, afim de evitar que os francezes de novo tentassem tomar posse daquelle territorio. Para o desempenho desta empreza foi nomeado o Capitão-mór Estacio de Sá. Depois de receber ordens de Mem de Sá, e receber reforços em Espirito Sancto, chegou ao Rio de Janeiro e, segundo affirma Machado de Oliveira, tentando um desembarque foi repellido. Aconselhado pelo Provincial Nobrega veio para S. Vicente em busca de reforços. Ainda desta vez, NOBREGA E ANCHIETA EMPREGÁRAM TODO O SEU PRESTIGIO, E DA EXHAUSTA CAPITANIA SURGEM NOVAS FORÇAS. Com os soccorros ahi recebidos elevou-se a expedição a seis navios de guerra, alguns barcos ligeiros e algumas canoas, sendo nove tripuladas por mestiços e indios. ORDENÁRA O PROVINCIAL AO P<sup>o</sup> GONÇALO DE OLIVEIRA E AO IRMÃO ANCHIETA QUE SE EMBARCASSEM NESSA FROTA PARA ANIMAREM OS INDIOS EM CUJO ESPIRITO SUAS PALAVRAS EXERCIAM INCONTESTAVEL INFLUXO. Esta expedição partio de Bertioga, á 20 de janeiro de 1565.

Logo que chegaram ao Rio de Janeiro, romperam as hostilidades, e, apesar da heroica tenacidade do chefe portuguez, APEZAR DOS CONSELHOS, PROPHECIAS E MILAGRES DOS JESUITAS, a coragem dos soldados começava a fraquear e os indios davam indicios de quererem regressar ás suas *tabas*. Critica era por certo a posição de Estacio de Sá. Nesta conjunctura é, porém, chamado para Bahia o irmão Anchieta, afim de receber as ordens sacras. Chegando á Bahia relata ao Governador a critica situação de Estacio de Sá, e o convence de vir auxiliar a seu sobrinho. De facto, em novembro des-e mesmo anno, partio a nova expedição acompanhando-a Mem de Sá, o BISPO PEDRO LEITÃO, o NOVO PRO-

VINCIAL IGNAGIO DE AZEVEDO e ANCHIETA, chegando no Rio de Janeiro á 18 de janeiro de 1567.

Depois do descanso de um dia, no dia de S. Sebastião, travou-se a terrivel peleja que havia de dicidir da sorte dos altivos tamoyos.

« O clangor das trombetas e o rufar dos tambores annunciaram, logo ao despontar da aurora, dia de peleja ; mas nessa era, o SOLDADO CATHOLICO não batia-se com denodo se não contasse com o auxilio do céu, si genuflexo ante os altares, onde se celebrava o eucharistico mysterio, não offerecesse a vida em holocausto ao seu Deus, que descia ao santuario da alma purificada pelo sacramento da penitencia. Assim, DEPOIS DE OUVIREM MISSA, COMMUNGARAM E RECEBERAM A BENÇÃO APOSTOLICA, DADA PELO BISPO LEITÃO, acommetteram os portuguezes e seus alliados a aldeia d' *Uruçumirim*, principal acampamento do inimigo.

« Dirigiu o Capitão Mór energica fala aos seus soldados, lembrando-lhes a victoria em NOME DO SANCTO PADROEIRO. Encarniçada foi a lucta ; os tamoyos e francezes oppuzeram obstinada resistencia aos esforços dos guerreiros de Estacio de Sá ; o pelouro cruzava-se nos ares com a hervada seta e a espada encontrava-se com o *tacapé*. Era uma scena de horror e confusão ; uma guerra de cannibaes. Os *tupimínós* cevavam o seu implacavel odio no sangue dos tamoyos ; VENDO IGUALMENTE OS PORTUGUEZES NOS FILHOS DA BELLA GALLICIA OUTROS TANTOS HEREGES CUJAS VIDAS NÃO LHES ERA PERMITTIDO POUPAR. Assim as crueldades inherentes ás guerras, junctava-se ainda esta — O IMPLACAVEL FUROR DAS CONTENDAS RELIGIOSAS. O delirio do combate os tinha cegado ; sua alma se fechára a todos os sentimentos nobres e generosos ; uma só idéa sobre elles predominava — O DE ARRAZAR AS ALDEIAS CONTRARIAS, EXTERMINANDO OS SEUS DEFENSORES. — O chionista da Companhia de Jesus — PADRE SIMÃO DE VASCONCELLOS — nos diz com placidâ indifferença que NEM UM SO' TAMOYO ESCAPOU COM VIDA, E DOS FRANCEZES CINCO QUE CAHIRAM NAS MÃOS DOS PORTUGUEZES, FORAM PENDURADOS EM UM PAU PARA ESCARMENTO DOS OUTROS ! O que respeitou o arcabuz e a bombardas, completou o incendio, que devorou em poucas horas as pobres cabanas dos filhos das palmeiras !.

em convencerem a D. João III de expulsar os francezes, entre outras razões, PORQUE ERAM PROTESTANTES !..

O Conego Pinheiro salienta que a lucta, alem dos horrores inherentes á guerra, POSSUÍU-SE DO ÓDIO RELIGIOSO — o soldado portuguez via nos filhos da bella Gallica OUTROS TANTOS HEREGES CUJAS VIDAS NÃO PODIA POUPAR ! O Padre Simão de Vasconcellos, cynicamente registra, que CINCO FRANCEZES FORAM ENFORCADOS PARA ESCARMENTO DOS OUTROS ! Ainda, para patentear que as doutrinas dos huguenotes foram acceitas pelos indios, invoco o testemunho desse mesmo PADRE SIMÃO DE VASCONCELLOS, que, referindo-se a João Bolés, preso por ordem de Luiz da Gram, em 1559, diz que « *a heresia quando appareceu tinha logo infecção nas povoações maritimas, levando apóz si gente ignorante.* » *Appontamentos para Historia dos Jesuitas* Vol I p. 132 a 158 e 159 ; Vol II p. 100-105.

Quando Estacio de Sá vacillava em atacar os tamoyos disse a Nobrega : *Que contas padre, darei a Deus e ao rei, se este armamento se perde ? Senhor.* replicou o Jesuita, *de tudo darei contas a Deus, e se for necessario irei tambem perante a el-rei responder por voz.* » Southey Vol I p. 418.

Ainda, refere Southey, que, Mem de Sá, depois de derrotar os francezes, *destruiu 300 (!!) aldeamentos de indios* PORQUE NÃO QUERIAM SE SUJEITAR ÁS LEIS DA EGREJA ROMANA !!! Southey - Vol I p. 399.

E para que não reste a menor duvida, de que esta guerra de exterminio contra os tamoyos foi uma guerra religiosa, FOMENTADA POR NOBREGA E ANCHIETA, os quaes reconheceram, na sua estada em *Iperohy*, que elles tinham, muita sympathia, sinão abraçado ás doutrinas ensinadas pelos huguenotes, tanto assim que não se deixavam baptizar por elles, e não se submetteram ás condições de paz que traziam e que vinham de offerecer — basta attentar para o seu tetrico epilogo. Vai descrever esse negro fim de tão nefanda guerra, um illustrado historiador e membro glorioso do clero brasileiro — Conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro. Escutemol-o :

« Durante a primeira época da existencia dos jesuitas no Brazil, que corresponde ao seu periodo aureo, praticaram elles tantas virtudes, houveram-se com tanta abnegação, que longe iriamos, si quizessemos fazer o inventario de todas

essas celestes riquezas, além de que não é nosso propósito escrever a história do seu estabelecimento e progresso nesta terra. Como, porém, parece ser destino da humanidade encontrar sempre ao lado da verdade o erro, e da virtude o crime, uma página negra e borrifada de sangue vem fechar a primeira parte dos brilhantes annaes do instituto na Terra de Sancta Cruz. A perspicacia do leitor ter-nos-ha certamente prevenido, advinhando que queremos falar do supplicio do calvinista João Bolés, que, fugindo ás perseguições do CAIM DA AMERICA, viera com muitos corrcigionarios, buscar asylo nas povoações portuguezas. A INTCLERANCIA E O FANATISMO religioso tinham accendido em Portugal as fogueiras da inquisição : queimavam-se ali nas praças publicas *christãos novos*, accusados de ser occultamente fieis á religião de seus pais, da qual pela força, ou pelo temor do exilio, haviam sido constrangidos a apostatar. Os jesuitas eram bastante esclarecidos, gosavam da mais bem merecida influencia, para impedir que na nossa patria, onde nem siquer podiam se dar as razões com que se procuravam attenuar taes excessos no velho mundo, se reproduzissem elles com o horror da natureza. Era porém grande o poder dos preconceitos ; fatal o dominio das falsas ideas, que obrigavam a homens illustres como o PADRE LUIZ DA GRAN, a denunciarem como hereje obstinado, perigoso ao bem estar da colonia, digno numa derradeira palavra do derradeiro supplicio ; a um homem cujo unico erro foi, no nosso entender, o não saber respeitar a crença, a que não tinha a fortuna de pertencer, provocando perigosas discussões sobre o dogma. Causa-nos ainda mais extranhesa que o venerando Anchieta, o symbolo, a personificação da virtude (?! ), ACOMPANHASSE O RÉO ATÉ ÁS ESCADAS DA FORÇA, E, TEMENDO QUE SE NÃO ARREPENDESSE ESTE DA SUA CONVERSÃO, APRESSASSE O ALGOZ, ENSINANDO-LHE ATE A DESEMPENHAR O SEU OFFICIO !!.

« Oh ! caridade admiravel e engenhosa — exclama o Padre Simão de Vasconcellos — bem sabia José de Anchieta que segundo as leis ecclesiasticas, incorria na suspensão de ordens todo o sacerdote que accelera a execução da morte em qualquer occasião, ainda que movido de causa pia ; porém, mais podia com elle a caridade e o amor que devia ao proximo, que outro qualquer respeito. *O Jornal de Timon*, escripto por uma das nossas melhores pennas contempora-

neas ( Commendador João Francisco Lisboa ), citando o trecho, que tambem acabamos de transcrever, assim responde á logica sophistica do biographo jesuita : E nós dizemos : ABOMINAVEL FANATISMO, que assim perverte e transforma um missionario sublime EM UM MIZERAVEL AJUDA DE ALGOZ ! triste e eterna contradição do espirito humano ! Estes padres que vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens cannibae, AGORA DERRAMAM DUM IRMÃO INNOCENTE e quando muito transviado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade e atazanando-o na sua hora derradeira com torturas moracs, mais crueis e insupportaveis por ventura que as da corda e do cutello

Ensaio Historico p. 104-106.

« Antes de terminar esta primeira parte do nosso trabalho — continua o Conego Pinheiro — seja-nos licito lamentar, como já o fizemos noutro lugar, que A INTOLERANCIA RELIGIOSA levassc ao patibulo a João du Bourdel, (1) (e não João Bolés como escreveu Vasconcellos) pelo crime de ser Calvinista ! Sentimos que no proprio anno da fundação, assistisse o Rio de Janeiro a tão cruel espectaculo, e visse o venerando (?) Anchieta, POR UM ZELO FUNESTO E UMA PIEDADE MAL ENTENDIDA, CONSTITUIR-SE AJUDANTE DE ALGOZ ! A diversidade da crença não pode constituir um delicto ; e o Estado não deve erigir-se em juiz d'uma causa cujo conhecimento só a Deus pertence.

Apezar de ser tal attentado contra a liberdade de consciencia COMMETTIDA A INSTIGAÇÃO DE ALGUNS ECCLESIASTICOS, a quem os poucos conhecimentos philosophicos impendiam de encarar a questão no seu verdadeiro ponto de vista, não pode a Igreja ser a responsavel por elle porque jamais erigiu em dogmas principios contrarios á doutrina do seu Divino Fundador Ensaio Historico — França Antartica — Vol I p. 232.

Antes de pôr termo a este capitulo que patenteia o character intolerante, fanatico, abominavel e perverso de Anchieta, escutemos o depoimento de outro celebre historiador.

« Esta atrocidade — o martyrio de Bolés — deve im-

---

(1) O illustrado Conego confunde-se : João du Bordel foi martyrisado por Villegagnon. Veja-se : Les Martyres, por Crispin Vol II p.

putar-se aos jesuitas que por suas infernaes doutrinas effectuaram a ruina de El-rei D. Sebastião, e a nação que entregaram ao odioso Felipe II. Estes hypocritas ambiciosos que na Europa procuravam exterminar os protestantes a ferro e fogo, no Brazil protegiam os selvagens porque delles queriam fazer doceis subditos. » CONSTANCIO. Hist. do Brazil Vol I p. 168.

Morto Bolés, foi o seu cadaver lançado á fogueira ! Está consummada a perversidade do carácter do *sancto* missionario José de Anchieta ! !

Diz sabiamente o Conego Joaquim Fernandes Pinheiro :  
' O Estado não deve erigir-se em juiz duma causa cujo conhecimento só a Deus pertence. » Os deputados do Estado de S. Paulo — 21 deputados ! .. — assim não entendem : como juizes abrem a historia e, ante os gloriosissimos feitos de Anchieta, offuscados pelo perfume de suas *sanctas e civicas virtudes*, onde scintillam os predicados proprios de um caracter perversamente ingrato para com João Ramalho ; perversamente, cynicamente intolerante para com os altivos Tamoyos — immortalisados num dos mais celebres dos poemas brasileiros ; horrorosamente deshumano para com o Calvinista João Bolés — Sim, offuscados ante esses depoimentos, como venerandos juizes e representantes do povo paulista RECONHECEM QUE O CARRASCO ESTIGMATIZADO PELA HISTORIA PATRIA é um benemerito digno de uma estatua e ser a sua memoria no tricentenario de sua morte, celebrada com toda a pompa, gastando-se dos cofres uberrimos de S. Paulo — a insignificante e significativa quantia de 200:000\$000 ! !..

Vou fechar este capitulo expondo mais uma prova, entre muitas outras — da perversidade de Anchieta, e esta ostenta-se galharda na realização de um dos seus mais celebres milagres ! ...

Abramos a *Vida de Anchieta* — por CHARLES DE SAINTE FOY :

Indo o Padre Anchieta de S. Vicente para S. Paulo, anoiteceu no caminho, e recolheu-se com o companheiro em uma casa, afim de passar a noite. Perguntando o *sancto* homem ao dono, por quem fora recebido com agasalho, como passava, e como iam os seus negocios : muito bem, respondeu-lhe ; nada me falta ; não tenho cousa alguma que me incommode. Nisto levantou-se o Padre Anchieta, e che-

gando-se ao companheiro disse-lhe : vamos-nos daqui quanto antes : não é bom ficar em uma casa, onde não ha a menor particula da Cruz de Jesus Christo. Mas meu Padre, para onde quer V. R. ir a estas horas ? E' alta noite, e daqui até S. Paulo não se encontra uma só casa a beira da estrada. Pouco monta, replicou Anchieta, partamos ; depois verá.

Sairam : e depois de um pequeno trecho, olhando para traz, avistaram a casa donde tinham partido, toda em chamas ; de modo que dahi a pouco não era mais que um montão de cinzas ! *Vida de José de Anchieta* por CHARLES SAINTE FOY — p. 172-173.

Depois da perseguição a João Ramalho ; depois do martirio e incendios dos aldeamentos dos tamoyos ; depois do martyrio de João Bolés ; para este seculo em que até os milagres do divino e admiravel filho da Judéa, são impugnados, pergunto, quem, qual dos legisladores paulistas não vê, na evidencia deste facto, mais uma manifestação do character intolerante e perverso de José de Anchieta ?

Não creio absolutamente na virtude milagrosa de Anchieta.

Christo, o divino mestre e de quem Anchieta dizia ser ministro, todos os milagres que realizou, alem de ser provas de sua divindade, eram monumentos de sua divina caridade dispensada no allivio dos soffrimentos — até mesmo dos seus perseguidores ! Entretanto Anchieta, pelo simples facto de não haver na casa de um pobre braziliense um fragmento do maldicto patibulo em que o Divino Mestre, soffreu a mais atroz paixão, foi affrontado pela mais degradante manifestação da perversidade humana ; pelo simples facto de não possuir uma cruz, ou para melhor dizer, por não crer, não adorar, não idolatrar a cruz, o patibulo mais aviltante que a degradação moral inventou ; sim por não possuir uma cruz — maldicta na propria Biblia — é incendiada aquella casa e com ella todos os trastes, todos os bens e haveres daquelles pobres brazilienses ! E quem sabe, sinão tambem os seus desventurados habitantes !

Oh ! Dize-me ! dize-me oh divino Jesus ! tu, que pré-gaste as doutrinas mais sanctas onde rescendem os perfumes de tua divina caridade ; dize-me pelo amor de teu Pai, tu, que ensinaste que não se deve fazer ao proximo o que não se quer que se nos faça ; tu, que ensinaste — a pedir o

perdão das nossas dividas assim como nós perdoamos aos nossos devedores ; tu, que ensinaste que devemos amar aos nossos inimigos, dizer bem dos que dizem mal de nós, orar por aquelles que nos perseguem e nos calumniam ; tu, que oraste pelos teus algozes quando nos braços da cruz ; tu, que lavaste de joelhos os pes de teu trahidor ; sim dize-me tu, que mandaste os teus discipulos prégar o evangelho de amor, como ovelhas no meio de lobos ; sim, pela honra do teu sancto nome, pela honra de tua Igreja Catholica : dize-me se a missão dos teus servos é incendiar casas, deixar na mais triste pobreza e no mais cruel desamparo, todos aquelles que negarem-se ou tiverem a sorte de não possuir um fragmento da cruz, onde padecestes os mais acerbos dos sofrimentos phisicos conjunctamente com os mais crueis sofrimentos moraes !

Oh ! não ! não ! respondem os evangelhos ! não ! não ! responde o martyres do Christianismo ! não ! não ! responde o mundo confuzo e absorto ante a caridade da Igreja de Christo ! Não ! Não ! responde o mesmo Jesus : *Deus tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho Unigenito para que todo o que nelle crê não pereça mas tenha a vida eterna !*

« Padre Belchior de Pontes foi por diante.

Amador Bueno, não entro comtigo em considerações de outra ordem, que me torturam o viver : não quero paten-tear-te todos os abysmos lobregos de minha alma, em que coriscam como lampejos do inferno, os anceios sem nome da duvida. Fica onde estás e sê feliz. Mas é preciso que saibas que esta guerra é iniqua, que a Companhia de Jesus que a fomenta está condemnada por Deus, que leval-a a seu termo é atirar rolos de incenso aos pés de Satanaz !

— Eu ensandeço... a Companhia de Jesus condemnada por Deus ! .

— Desde a sua fundação !

— O instituto de Ignacio de Loyola !

— Serpente astuta, pelago de ambição sem costas, sem praias, sem limites.

— De Diogo Laynez !

— O mais dissimulado hypocrita que esteve em Trento.

— De Claudio Aqua Viva !

- O fautor do regicidio.
- Do veneravel Anchieta !
- O carrasco de João Bolés.
- João Bolés era um hereje ! ..
- João Bolés foi um martyr.

Amador Bueno levantou-se, deu alguns passos pela baraca ; depois, cruzando os braços, estacou em frente de seu interlocutor.

— Padre, disse, é de todo o coração, com a consciencia tranquilla, sem sentir arder no cerebro a chamma do desvario, que me fallais, que accusais a Companhia ?

— Responda-te o volver de quasi dous seculos, o testemunho de cinco gerações.

Onde se agitam questões de vida e de morte para a humanidade, onde se embatem os interesses das gentes, onde tumultuam as paixões dos povos, procura, procura bem, que occulto na sombra, sumido nas trevas, deparar-se-te-a o vulto sinistro do jesuita. Vel-o-ás no concilio de Trento proscrevendo a leitura da Biblia, impondo á consciencia uma goliha de ferro, circumscrevendo a religião com uma muralha de bronze ; vel-o-ás junto de Carlos IX, benzendo os punhaes para a matança de S. Bartholomeu ; vel-o-ás allucinando a mente do sombrio dominicano, Jayme Clemente, para assassinar Henrique de Valois ; vel-o-ás armando Chatel e Ravailac contra Henrique de Navarra ; vel-o-ás nos camarins das prostitutas Montespan e Maintenon, solicitando a revogação do edicto de Nantes ; vel-o-as aos pés de Philippe V prégando a *guerra de successão* ; vel-o-ás em Piratininga elegendo rei a teu parente ; vel-o-ás neste *fouso* a dirigir-te contra os *emboabas* ; vel-o-ás no Rio das Mortes, açulando os emboabas contra ti. Por todâ a parte, em todo o lugar, na Ethiopia e no Paraguay, em Pekin e S. Vicente, na côrte dos reis, nas alcovas das rameiras, nos comicios dos povos, no pulpito, na escola, no confessionario, no seio do lar, sobre as ondas do oceano, em desertos aridos, no amago dos sertões, no coração das florestas encontrarás sempre o padre de Jesus, risonho e insidioso, flexivel traiçoeiro. *Padre Belchior de Pontes* — por JULIO RIBEIRO, Vol I p. 201.

Essa discripção realiza-se assombrosamente no seio da sociedade brasileira! O jesuíta, inimigo da republica, hoje, disfarçado. traíçoeiro, finge-se seu amigo. occultando a lamina venenosa do punhal no crucifixo que sobre o peito pende.

Aqui funda a *Liberdade*, que anthitese! Ali disfarça-se no *Commercio de S. Paulo!* O *Estado de S. Paulo* faz o panegirico de Anchieta! O dr. Eduardo Prado, sem mais rebuço, tendo de um lado o Presidente do Estado e, de outro, um Principe da Igreja Catholica, faz a mais franca propaganda do jesuitismo, fazendo apotheosc da «Companhia de Jesus»! Ao mesmo tempo que tudo isso se realiza, uma incerteza, uma desconfiança, abate os mais sinceros republicanos. Uma crise financeira, medonha, indscriptivel, asphyxia um poucoxinho de vida commercial que ainda nos resta... O cambio desce, desce sempre!. A tudo isto, junta-se a questão do protocollo italiano!. Nas ruas de S. Paulo, um conde italiano dá morras ao Brazil!. Corre o sangue de brasileiros e italianos!... Antes disso, desaparecem—a *Verdade* e a *Patria*, organs ultramontanos. Imigram para o Brazil padres jesuitas!. O Bispo expulsa os maçons da administração das irmandades... O Grão Mestre da Maçonaria e Ministro do Supremo Tribunal, é desfeitoado publicamente em pleno culto catholico!... E nesta lucta constante em quanto os espiritos se absorvem, aprofunda as suas raizes o cancro que hade aniquilar a vida de nossa Patria! Desenvolve-se, prestigia-se, com o apoio official—a «Companhia de Jesus»!... Glorifica-se o jesuíta de character intolerante e perverso! Anchieta! o carrasco de Bolés!...

\*  
\* \*

Os jesuitas odciam o dr. Prudente de Moraes e choram inconsolaveis os 200:000\$000 rs!! empregados no bello templo de luz—a Eschola Normal de S. Paulo!.. A luz que dalli parte os incommoda!. Aos pés de Sancto Ignacio de Loyola juraram vingança!. Jubilosos cantam hosanas! — A *imprensa* — parte calou-se, parte os tem ajudado, mal e porcamente como coroinhas novatos e parte galhardamente, heroicamente os repelle!. Os 200:000\$000 prestigiando o jesuitismo, laureando o carrasco de Bolés — esbofetea

vingativamente o benemerito paulista — dr. Prudente de Moraes — e M. D. Presidente da Republica! A imprensa, o jornalismo do Estado — parte comeu bola — no dizer de um dos maiores vultos da philologia portugueza; — parte, calou-se indifferente, não comprehendendo a importancia da questão; — parte, ativa e nobremente repelliu a ideia, profligando-a e patenteando o absurdo que encerra! Mas enganaram-se... os paulistas ainda tem dignidade! Não consummarão os jesuitas o seu intento; não hão de immortalizar o carrasco de Bolés!

A camara e o Senado estão estudando esse vulto! O dr. Campos Salles e todos os que tem assistido ás Conferencias — estão se convencendo, por ellas — que Anchieta é uma completa nullidade — encarada mesmo atravez das phantasias litterarias dos drs. Francisco de Paula Rodrigues e Eduardo Prado! Por minha vez hei de patentear, empunhando o facho luminoso da Historia — na crua e solemne evidencia dos factos — que Anchieta foi um grande e perverso intolerante; possuiu um character vil e desprezivel; foi o carrasco de Bolés!

Para traz! roupetas e hypocritas!. S. Paulo de hoje, não é o S. Paulo de Piratininga, de Anchieta!.

Dr. Campos Salles não é João Ramalho!

Dr. Prudente de Moraes não é Mem de Sá!

A Republica dos Estados Unidos do Brazil, não é o Brazil colonial dos jesuitas.

Roupetas! vis hypocritas! para traz! para traz!. e. cautela!.

A' serpentes venenosas não se poupa a vida: esmaga-se a cabeça!

Jesuitas! para traz! Não vos recordais do dia 13 de julho de 1640?!

---

*Minha eterna gratidão*

*a todos os jornaes que teem transcripto o meu tractado — JOSÉ DE ANCHIETA á Luz da Historia Patria.*

VOX VERITATIS.

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).